

A MATERIALIZAÇÃO DA MELANCOLIA NO CEMITÉRIO MUNICIPAL DE CRUZ ALTA - RS: UM ESTUDO SOB O VIÉS DA ARQUEOLOGIA DA IMAGEM.

THAISSA DE CASTRO ALMEIDA CAINO¹; PEDRO LUÍS MACHADO SANCHES²

¹ Universidade Federal de Pelotas – almeida.c.thaissa@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – pedrolmsanches@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A arte é uma das formas mais duradouras da expressão na história humana e através dela podemos nos informar sobre aspectos da vida atual e do passado, em um complexo meio de reflexão e ação, onde encontramos no pensamento estético a manifestação da conduta que exprime ideias sobre determinado tempo e espaço, imagens como as do cemitério municipal de Cruz Alta que manifestam o imaginário sobre o tratamento dispensado ao morto da época e do meio em que foi produzida. Em meio aos diversos jazigos do cemitério, chamou a atenção aqueles que estavam acompanhados de figuras humanas de olhar baixo e corpo prostrado, características atribuídas ao humor melancólico. Para reconhecer o trabalho do imaginário social relacionado à materialização deste humor nas figuras humanas, nos aproximamos da discussão elaborada pelos teóricos da Arqueologia da Imagem.

A corrente teórico-metodológica da Arqueologia da Imagem é derivada da Arqueologia Clássica, que tem como especificidade estudar objetos portadores de imagens (SARIAN, 2005). É uma abordagem relevante para quem quer ir além da investigação das formas das imagens, ou das funções das imagens e seu estatuto social e mental (VERNANT, 1990). Quando analisamos objetos que são portadores de imagem, não tratamos a imagem como ilustração, nem mesmo a que é encontrada em meio a um texto, pois as imagens não são acessórios, mas podem esclarecer a realidade, realidade mesma que os textos nos fornecem apenas parcialmente (LISSARRAGUE, F.; SCHNAPPP, A., 1981). O valor documental das imagens não está atrelado ao seu valor artístico, pois os artistas-artesãos produzem obras vinculadas ao seu tempo e à sua realidade social, manifestando o imaginário da época e do meio em que foi produzida (BRUNEAU, 1986). As transformações pelas quais uma sociedade passa são refletidas na cultura material e os espaços mortuários não fogem à regra. As simbologias existentes nos túmulos são a materialização do que se pensa dos sepultados, bem como da sua família ou grupo social. Os sepultamentos são resultado de um comportamento consciente (RIBEIRO, 2007).

Desde a fundação do cemitério municipal de Cruz Alta diversos elementos começaram a ser mobilizados, imprimindo idiossincrasias de sua própria realidade, pois “as imagens da morte traduzem as atitudes dos homens diante da morte” (ARIÈS, 2012, p. 151). Dentre as imagens do cemitério municipal de Cruz Alta chamaram a nossa atenção as figuras humanas com características que possibilitaram identificar o humor melancólico neste cemitério e analisar o imaginário da sociedade a partir de sua materialização nos túmulos pesquisados. A “melancolia” é o termo mais antigo utilizado para a patologia dos humores tristes e os escritos considerados marcos na história da melancolia são o *Corpus hippocraticum* e o *Problemata XXX*, de Aristóteles cuja definição da melancolia prevalece até o início da era moderna (TEIXEIRA, 2007, p. 20).

ALCIDES (2001, p. 138) se refere as primeiras etapas da visão sobre a melancolia como negativa, com características relacionadas a vícios nocivos ao convívio social ou a acídia (melancolia dos monges), uma conduta pecaminosa. Já Aristóteles apresentava a melancolia como “mal dos heróis”, superiormente dotados no pensamento e nas artes. O principal autor aqui utilizado para o reconhecimento da materialização da melancolia foi o BENJAMIN (1984), que descreveu as características da linguagem corporal do indivíduo melancólico: “olhar voltado para o chão caracteriza o saturnino, que perfura o solo com seus olhos” (BENJAMIN, 1984, p. 175). No Brasil a melancolia se aproxima do romantismo nacional, cujo auge foi em 1864, e que se afirmava enquanto imaginação poética inclinada ao fascínio pela morte, gerido por um *pathos* melancólico peculiar (MOTTA, 2009, p. 42). O objetivo norteador foi o de analisar jazigos visando compreender motivações das pessoas que se davam a ver nos jazigos com imagens antropomorfas melancólicas à luz do contexto histórico local e dos marcos teóricos apresentados.

2. METODOLOGIA

É através das oposições e do jogo das correspondências que é estabelecido o “quadro desta organização de conjunto que o objeto pode aparecer em estreita afinidade com a morte e os mortos” (VERNANT, 1990, p. 392). O testemunho iconográfico é estudado a partir de uma relação análoga da imagem com aquilo do qual ela é imagem e somente através desta que aspectos sociais, políticos, religiosos e econômicos podem ser entendidos.

A relação análoga da imagem com a melancolia se dá por meio da observação das características da melancolia mencionadas por BENJAMIN (1984). O caráter repetitivo e convencional dos esquemas iconográficos que permeiam as esculturas foi analisado, possibilitando reconhecer o trabalho do imaginário social. Os procedimentos adotados para averiguar os elementos iconográficos nos jazigos que compõem o cemitério municipal de Cruz Alta foram o levantamento em campo, em que percorremos a totalidade do cemitério e coletamos informações como a identificação dos jazigos, descrição, localização, data de óbito mais antiga, medidas, inscrições e informações dos túmulos e reprodução fotográfica dos dezesseis jazigos que atendiam aos critérios da pesquisa. A partir destas informações compomos o *corpus* documental, que é um instrumento de pesquisa, um repertório, um catálogo, que permite registrar imagens acompanhadas de seus dados de contexto (MENESES, 1996). A partir do *corpus* documental foi possível comparar os jazigos e observar alguns paralelos entre eles, que orientaram os resultados desta pesquisa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na pesquisa já finalizada observarmos a periodização dos jazigos (Tabela 1), observamos que tais imagens foram populares nas primeiras décadas do século XX. Nesse período a cidade de Cruz Alta passou por diversas transformações, conectou-se à rede ferroviária e viveu um importante desenvolvimento político e econômico (CAVALARI, 2004). A estrada de ferro, inaugurada em 1894, foi um instrumento relevante para este desenvolvimento, facilitando o escoamento do que era produzido em Cruz Alta (MOURA, 2007, p. 52), ao mesmo tempo em que incrementou o transporte de bens e produtos de outras regiões, dentre eles, os jazigos do cemitério municipal de Cruz Alta.

Tabela 1 – Datas de óbito encontrada nos jazigos.

Nome	Óbito	Nome	Óbito
Jazigo 061	08/10/1909	Jazigo 093	11/02/1925
Jazigo 063	02/10/1910	Jazigo 049	18/03/1926
Jazigo 065	01/05/1912	Jazigo 012	07/04/1938
Jazigo 007	25/04/1914	Jazigo 106	09/04/1946 ¹
Jazigo 034	23/04/1916	Jazigo 097	26/12/1965
Jazigo 104	05/01/1918	Jazigo 055	Antes de 13/03/1919 ²
Jazigo 096	05/07/1919	Jazigo 057	1918 ³
Jazigo 067	15/06/1922	Jazigo 091	Não identificada

Outro fator de influência na formação do cemitério foi a secularização, mudança esta que influenciou a sensibilidade no que diz respeito à morte, pois afastar os mortos do convívio com os vivos era decorrente do aumento do poder da ciência, e da diminuição da autoridade religiosa. A modernização das sociedades as orientava para a racionalização produtiva (MOTTA, 2009, p. 54) e em 1863 uma necrópole extramuros surgia no município, marca da modernização e transição do domínio da Igreja para o domínio do Estado (PEREIRA, J., 2009). A popularização destas imagens se inscreve, portanto, em um período de modernização da cidade, de progresso tecnológico e ruptura com o passado rural, de forma que a escolha por figuras melancólicas pode estar relacionada à uma tentativa de associar aquelas pessoas ao ideal elevado, do pensamento e das artes, atribuído ao humor melancólico e característico do espírito de modernização e racionalização do período.

4. CONCLUSÕES

Trazer a Arqueologia da Imagem da Arqueologia Clássica como referencial teórico para investigar necrópoles modernas brasileiras por si só já é inédito e, sendo assim, amplia o diálogo com outros campos da arqueologia, enriquecendo as pesquisas sobre cultura material. O benefício desse esforço no desenvolvimento do trabalho depende do respeito às diferenças culturais e contextuais. Por fim, é importante ressaltar que este foi o primeiro trabalho de cunho arqueológico realizado no cemitério municipal de Cruz Alta.

¹ Data obtida em Annes, 2012.

² Nascimento (2007, p. 19) menciona em nota de rodapé o inventário de Franklin Veríssimo da Fonseca, autuado em 13/03/1919.

³ Genealogia Castilhense, acesso em 2018.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCIDES, S. Sob o signo da iconologia: uma exploração do livro *Saturno e a melancolia*, de R. Klibansky, E. Panofsky e F. Saxl. **Topoi**, Rio de Janeiro, p. 131-173, set. 2001.

ANNES, A. O. **Genealogia Lucas Annes**. Compendio ilustrado. Atualizado em 06 01 2012. Acessado em 31 mai. 2018. Online. Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/sebodigital/obras/GenealogiaLucasAnnes.pdf>

ARIÈS, P. **História da Morte no Ocidente**: da Idade Média aos nossos dias. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

BENJAMIN, W. **Origem do drama barroco alemão**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BRUNEAU, P. De L'Image. **Ramage – Revue d'Archéologie Moderne et d'Archéologie générale**, Paris: Centre d'archéologie moderne et contemporaine de l'Université de Paris-Sorbonne, fascicule 4, p. 249-95, 1986.

GENEALOGIA CASTILHENSE. Acessado em 17 mar. 2018. Online. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/genealogiacastilhense/>>

LISSARRAGUE, F.; SCHNAPP, A. **Imagerie des Grecs ou Grèce des imagiers? Le temps de la Réflexion**, n. 2, p. 275-297, 1981.

NASCIMENTO, J. A. M. **Derrubando florestas, plantando povoados**: a intervenção do poder público no processo de apropriação da terra no norte do Rio Grande do Sul. 2007. 400 f. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

MENESES, U. T. B. Morfologia das cidades brasileiras: Introdução ao estudo histórico da iconografia urbana. **Revista USP**, Brasil, n. 30, p. 142-155, ago. 1996. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/25914/27646>> Acesso em: 28 jul. 2018.

MOTTA, A. **À flor da pedra**: formas tumulares e processos nos cemitérios brasileiros. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Massangana, 2009.

MOURA, F.R. **Avante, vamos para a luta**: cotidiano e militância dos trabalhadores ferroviários da cidade de Cruz Alta (1958 - 1964). 2007. 143 f. Dissertação (mestrado em História). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

PEREIRA, J.F.A. de O. **Secularização de uma necrópole**: Cemitério Municipal de Cruz Alta. 2009. 116 f. Trabalho de Conclusão de Curso. Cruz Alta: Licenciatura Plena em História, UNICRUZ.

RIBEIRO, M. S. **Arqueologia das Práticas Mortuárias**: uma abordagem historiográfica. São Paulo: Alameda, 2007. 194 p.

SARIAN, H. **Arqueologia da Imagem**: expressões figuradas do mito e da religião na Antiguidade Clássica. Tese de livre-docência em Arqueologia Clássica (MAE-USP). São Paulo: inédito, 2005.

TEIXEIRA, M.A.R. **A concepção freudiana de melancolia**: elementos para uma metapsicologia dos estados de mente melancólicos. 2007. 186f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.